

Notas preliminares

Alfredo Naffah Neto é referência nacional no meio psicanalítico com bom gosto e talento na arte musical. Psicanalista, doutor em psicologia clínica pela PUC/SP, mestre em filosofia pela USP. É professor titular da PUC/SP em psicologia clínica e autor de vários artigos e livros, entre eles: O inconsciente como potência subversiva; Outro em mim; Psicodramatizar; Paixões e questão de um terapeuta; Psicodrama: descolonizando o imaginário; falando de amor e este que aprecio CASTA DIVA – Callas e a pulsão de morte.

A presente obra tem como apresentador Luis Cláudio Figueiredo que ao apresentar os dois ensaios “dão testemunho da habilidade e do engenho de Alfredo Naffah Neto”. O primeiro ensaio, Casta Diva: Destinos da pulsão de morte na Norma, de Bellini, refere-se à perda de um objeto amoroso. Norma é a grande sacerdotisa druida no tempo do domínio romano. Como figura religiosa de alta hierarquia deveria ser casta, tal como é representada a deusa lua. Norma cometeu um crime: apaixonou-se pelo pró-consul romano Pollione com quem teve 2 filhos, os quais são cuidados por pela ama Clotilde. Norma usa de seus poderes para impedir os druidas de se rebelarem contra os romanos e assassinar seu amado, que é odiado por todos. Ela recebe ajuda de seu pai. Mais tarde seu amor Pollione apaixonou-se por Adalgisa, jovem também sacerdotisa, fadada a votos de castidade. Instala-se aí um triângulo amoroso. Surge uma ironia romântica. No próprio nome NORMA, etimologicamente significa: medida, princípio, regra, lei. Como foi desmedida, o ódio lhe aparece como ciúme e o ódio eclode como maldição vingativa à Pollione. Norma expressa: “Indigno, esquece teus filhos” Amaldiçoado noite e dia. Brota em Norma desejos filicidas, uma passagem ao ato – interrompida. “Amo e simultaneamente odeio meus filhos!” A ambivalência é uma expressão direta do seu coração em conflito. Norma pretende matar os filhos para poupá-los da desonra. Ao aproximar-se da cama dos meninos exclama: “Vou sangrá-los? De que são culpados? São filhos de Pollione” Esse é o delito. Para ela é como se os filhos estivessem mortos. “Vou apunhalá-los”. Aqui há uma semelhança com Medéia. Na tragédia de Eurípedes, mas Norma recua e grita: “Ah! Não! São meus filhos!” Norma diferentemente de Medéia, o filicídio é impedido. Pelo surgimento de sentimentos maternos, de ternura, o que desloca, novamente, a pulsão destrutiva na busca de outros objetos. Norma experimenta impulsos suicidas.

Na metapsicologia dizem que quando ocorre a transformação de amor em ódio, o ódio é reforçado por uma regressão do amor à fase sádica (desejo de dominar o objeto), de forma que incorpora um quantum erótico, que legitima, reassegura a continuidade da relação amorosa.

O segundo ensaio é denominado de “Maria Callas e a sombra de Norma. A cantora-atriz Escondia seu próprio nome: Cecília Sofia Anna Maria Kalogeropoulos. Sua origem é grega. Há uma incerteza sobre o dia de seu nascimento: 2 (4) dezembro 1923, Nova Iorque. Sempre viveu à sombra de sua irmã que foi a filha favorita de sua mãe. Seu nascimento representou grande sofrimento e decepção para seus pais. Evangelia era muito mais madrasta do que mãe. Para sua progenitora era normal que a filha ainda adolescente se prostituísse, desde que trouxesse comida para casa. Callas revelou seu desamparo e sua solidão, não na sua arte de cantar, como também expressou: “minha mãe não me entendia; meu pai nada podia fazer para me ajudar”. E sempre falava de Callas na terceira pessoa: “La Callas”. Sua vida foi dedicada à música, ao teatro como uma sacerdotisa, com muita determinação e competência. Em sua personalidade havia sempre nuance de fragilidade emocional. Ser uma boa cantora era sua meta e desejo. Sempre necessitou de alguém que pudesse exercer junto a ela uma função de maternagem no sentido de lhe dar holding, sustentação. Chegou a casar e tempos depois abandona o marido, empresário, pai porque apaixonou-se por um homem. Assim sentiu-se Mulher-Maria e recupera a esperança de ganhar vida

própria, a passar existir, genitalizar a sua libido. Da forma análoga à sacerdotisa Norma, que traiu seus deuses pelo amor a um homem, a sacerdotisa Callas também fez o mesmo. Ambas foram traídas por um homem.

O nó górdio dos dois ensaios tem como pontos de união o amor romântico e suas vicissitudes – sublimes e trágicas – uma compreensão psicanalítica – estrutura em torno das questões da personalidade - duas grandes personagens femininas: Norma (a heroína da Ópera de Bellini) e CALLAS (sua maior intérprete). Então, Naffah pondera e avança com perícia pelas veredas repletas de desafios, armadilhas que a análise de duas DIVAS suscita psicanaliticamente. No primeiro ensaio, o foco recai na **Ópera Norma**, exercitando como se fosse, uma “psicanálise aplicada”, gênero inaugurado por Freud e explorado por diversos psicanalistas que tomaram romances, peças teatrais, óperas e filmes como campo de exercício da clínica. Tipicamente enredos e personagens são “deitados no divã”. Justamente, diz Figueiredo: para que neles o analista encontre e reencontre as verdades já acessadas e elaboradas pela psicanálise.

A problemática metapsicológica – o jogo pulsional entre pulsão de vida e de morte – atravessam conteúdos via destinos das duas personagens como por exemplo: fragilidade de vínculos; carência afetiva; dissociação de personalidade (Maria x Callas); abandono; função objetivante; sublimação, reações paranoides e dinâmica fronteira e psicótica. Nesta obra, com ferramentas teóricas, o autor faz a função interpretativa do psicanalista, porque ao se debruçar sobre o discurso vivo a partir da associação livre, brota nele coisas que a obra de arte não oferece. Outrossim, como sugere Green¹ a interpretação da obra de arte é sempre a interpretação de nossa transferência com ela. Enfim, Naffah diseca a patologia sui generis: a da incompatibilidade entre **investimento narcísico** e **investimento objetal**. Embora ambas sejam duas direções da libido, Maria e Norma, personagem e intérprete feitas sob medida uma para a outra. Deste enlace Naffah auxilia-nos a compreender Norma na incompatibilidade entre a função de sacerdotisa e os desejos da mulher bem como Maria Callas, para ser Maria, mulher precisou matar Callas. A realização amorosa mínima ou nula, uma esperança de satisfação amorosa idealizada versus sua decadência por falta de investimento narcísico, por falta de investimento sublimatório na própria voz e na arte do canto, uma vez que o sexo para Callas era sua voz e a sua sexualidade a arte. Como salienta o autor: toda a libido objetal da cantora teve de ser extorquida dela para, a partir do encontro com Onassis, ser investido em Maria. Maria foi rejeitada pelos pais; criança mal acolhida, desrespeitada pela mãe e que para ter uma migalha de atenção precisou dedicar-se ao canto. A partir daí tudo foi investido, sublimado e capitalizado por Callas.

Das vozes da grande cantora lírica, Naffah tece a análise, sinalizando matiz da concepção do aparelho psíquico de Freud na organização da patologia. A obra é um convite a revisitar à teoria das pulsões, examinando os fenômenos relacionados com a destrutividade tanto no que concerne à sexualidade (a lógica da fixação, da regressão) perversão polimorfa da criança. Enfatiza Green²: “mecanismos que se observam raramente em estado puro, a não ser em certas neuroses muito bem estruturadas”.

Segundo Green³, “a destrutividade não implica necessariamente o contato com o objeto. Pelo contrário, o desinvestimento do objeto pode comportar a satisfação de destruí-lo, fazendo-lhe sentir que não existe”. Maria (mulher) abandona, desinveste, elimina Callas (a Diva). “Fazer sentir ao outro essa sensação de inexistência pode tornar-se, na indiferença estratégica da qual esses sujeitos são capazes, a arma mais mortífera que tudo destrói”. Green⁴.

Callas fez 84 apresentações com ópera *Casta Diva*, identificando-se com a história de Norma. Nesta ópera, mostrava-se com suas diferentes vozes em relação às demais óperas, como por exemplo: *La Traviata*; *Lucia de Lammermoor*; *Cio-cio-San* ou *Medea*. A artista encarnava a

¹ GREEN, A. **O desligamento. Psicanálise, antropologia e literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

² GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.p.100

³ GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Op. cit.p.98-9

⁴ GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Idem, p.99.

personagem Norma. O mundo da ópera é o mundo das dramatizações. Revelou ao mundo sua genialidade de cantora-atriz ressaltando impacto e transfiguração no personagem. No final, Maria não aguenta a cisão da sua personalidade, conforme a função interpretativa do psicanalista Naffah.

Rastreado o conteúdo latente via psicanálise

Naffah⁵ utiliza o sentido nietzschiano para dizer que:

(...) qualquer interpretação sempre envolve algum grau de violência, na medida em que se trata sempre de um campo de forças dominando um outro campo de forças e lhe impondo o seu código próprio e singular de visão de mundo. Diferentes interpretações de uma mesma obra, por sua vez, compõem diferentes perspectivas de olhar, envolvendo diferentes códigos de valores.

Casta Diva contempla arte e psicanálise. Com Norma, a heroína da Ópera e La Callas sua maior intérprete, Naffah faz o exercício de psicanálise aplicada e tem pretensões, entre elas:

1) Fazer o desdobramento verbal da obra de arte que não tem um discurso vivo, mas a partir de associações livres que brotam dele, coisas que a obra não pode oferecer. Sabendo que Freud o foi o pioneiro empreender a interpretação de obras de arte por meio da psicanálise.

2) Relacionar psicanálise e romantismo, investigar o quanto ambas não são azeite e vinagre ou seja: não misturáveis.

O amor romântico e suas idiossincrasias – a paixão desmensurada e fundida, levando a um aprisionamento total e visceral dos romances ou das óperas românticas, mas uma realidade criada que habita – até os dias de hoje – o corpo e a alma da nossa população. Nossos jornais estão repletos de assassinatos de parceiros amorosos, que vão desde aqueles motivados por uma separação indesejada e não suportada por alguns amantes – que, através desse ato, tenta eliminar seu objeto de amor e sofrimento – até alguns crimes em família: filicídio, praticados por mães ou pais, em momentos de total descontrole, como vingança contra o parceiro, por motivos de abandono. Ora, algumas obras românticas – como Norma, de Bellini e Romani – contêm todos estes ingredientes e outros mais, propiciando-nos um material rico e multifacetado de análise do qual dificilmente podemos dispor nos casos reais, seja por questões éticas ou circunstanciais.

3) Expressar que este texto surgiu a partir de um seminário no pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP onde foi pesquisado a potência teórica da noção de pulsão de morte como analisador de fenômenos como: assassinatos, suicídios etc. cometidos de forma descontrolada e motivados por uma paixão desmedida. Discorrer sobre os destinos da pulsão de morte (face à perda do objeto amoroso), a partir do personagem Norma (Ópera escrita em 1831 e considerada senão a mais bela obra do romantismo italiano).

Pulsão de vida e pulsão de morte no amor romântico

Naffah escolhe Green por partir da metapsicologia freudiana para orientar-lhe em sua análise, justamente porque o considera absorvendo postulações importantes da escola francesa e inglesa – Lacan, Klein, Bion, Winnicott etc. bem como da escola americana - Searles entre outros.

Postula o **objeto** como conceito fundamental, como aquilo que dá continência e forma às pulsões e permite realizar o seu trabalho na constituição de desenvolvimento da vida psíquica. O objeto é o revelador das pulsões, é criado por elas. Pelo menos em parte, mas é a condição de seu vir a ser.

“A sexualidade infantil, que não reconhece proibições sociais, está inclinada à transgressão tanto mais facilmente que os primeiros objetos, além dos tomados sobre o copo do sujeito, são

⁵ NAFFAH NETO, Alfredo. **Casta Diva – Callas e a pulsão de morte**. São Paulo: Escuta, 2011.p. 19.

aqueles ligados aos cuidados maternos”⁶. Maria Callas foi desde seu nascimento rejeitada pelos pais, desenvolvendo, paulatinamente um *déficit* nas relações de vínculo.

“A teoria das relações de objeto ganhou terreno sobre a teoria das pulsões” diz Green⁷. “A teoria das relações de objeto suplantou a teoria das pulsões, que constituía, entretanto a base do dogma freudiano (...) tornou-se, levando tudo em conta, polissêmica⁸” (mais de um significado). Desta forma argumenta Naffah⁹, “o próprio eu pode se tornar um objeto do Isso e no limite, é “... próprio investimento que é objetalizado”. Quando descobriu-se mulher, investiu na Maria, desconectando-se de Callas.

(...) o Ego registra, observa, julga e decide sob tríplice influência do Id, do Superego, da realidade e, sobretudo, de tudo o que se relaciona com o objeto. Naquilo que diz respeito ao contato com o mundo exterior acessível à percepção, o Ego é regido pelo Princípio da realidade e tem a opção, seja de obedecer a ela,, seja de transformá-la, na medida em que ele é possível¹⁰.

Parece que o mecanismo a obedecer aí está imbricado com casos limite onde a dissociação da personalidade mostra o sofrimento de Maria nas ondas de angústias, à mercê de depressão mostrando o complexo gigante de desinvestimento, afetando suas funções vitais como por exemplo sua perda de voz. Efeito cascata com múltiplos e sucessivos desinvestimentos integram-se o caos pulsional levando-a para morte. A pulsão de morte cabe o que Green denomina *função desobjetivante*.

A função desobjetivante permite:

compreender que não é somente a relação com o objeto que é atacada, mas também todos os substitutos deste – o eu, por exemplo, e o próprio investimento à medida que sofreu o processo de objetivação. (...) A manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento (Green, apud Naffah¹¹).

O amor romântico segundo Freud compreende toda relação amorosa a qual comporta algum grau de ambivalência, correspondente à parcela de pulsão de vida e de pulsão de morte que entram na sua composição. É evidente, entretanto, que pelo menos durante o tempo em que a relação perdura, é a pulsão de vida que domina e controla a pulsão de morte - domínio das forças de ligação, de investimento - embora possa haver um embate permanente entre ambos os movimentos – de ligação, o investimento, construção de um lado; de desligamento, desconstrução de outro. Salienta ainda Naffah¹² “que é importante considerar que sem a concorrência simultânea e cooperativa de ambas as pulsões, dificilmente uma relação amorosa se mantém no tempo, sendo necessária todas as desconstruções periódicas que sofre em função das adaptações às contingências reais”.

Maria não tinha identidade própria autossustentável e não mais nutria qualquer confiança num vínculo amoroso e reparador. Sua capacidade de existir esgotou-se quando eliminou Callas. Ela dizia para sua irmã Jackie: “sem minha voz, quem eu sou?” Quicá, questiona Naffah, não foi aniquilado o que restava de esperança de Maria, mesmo sendo “traída” por Jackeline Kennedy, o fato da morte de Onassis? Abriu-se aí o processo completo de desobjetivação.

Seu desligamento com a vida: vítima de um ataque cardíaco em 16 de setembro de 1977. Não houve velório, apenas uma cremação com suas cinzas espalhadas na Mar Egeu, como era seu desejo. E assim Maria (mulher) uniu-se a Callas(artista) com sua última morte criando a integração da Diva Maria Callas.

⁶ GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Op. cit.p.338.

⁷ GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Idem p. 25

⁸ GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. idem.p.33.

⁹ NAFFAH, Alfredo **Casta Diva – Callas e a pulsão de morte**. São Paulo: Escuta, 2011.p.25

¹⁰ GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Idem, p.132.

¹¹ NAFFAH NETO, Alfredo. **Casta Diva – Callas e a pulsão de morte**. Op. Cit p.25.

¹² NAFFAH NETO, Alfredo. **Casta Diva – Callas e a pulsão de morte**. Op. Cit p.26

Um avanço e uma profunda gratidão pairam no ar diante das *(Nós) Marias caladas* que nos sacrificamos no nosso cotidiano para ter acesso a educação, a arte, a ciência, a cultura enfim, a atualização do conhecimento.

REFERÊNCIAS

GREEN, André. **O desligamento. Psicanálise, antropologia e literatura.** Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. **Orientações para uma psicanálise contemporânea.** Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Casta Diva – Callas e a pulsão de morte.** São Paulo: Escuta, 2011.